

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)17 abr 2017 | O Globo | [Bresciani@bsb.oglobo.com.br](mailto:Bresciani@bsb.oglobo.com.br)

# Para Odebrecht, política de petróleo era 'meio burra'

## Delator diz que exigência de conteúdo nacional para sondas é irreal

EDUARDO BRESCIANI



FÁBIO ROSSI/22-1-2014

**Sem condições. Para Marcelo Odebrecht, política para construção de sondas do pré-sal não teria como prosperar com regras definidas no governo petista**

-BRASÍLIA- O empreiteiro Marcelo Odebrecht afirmou em um de seus depoimentos de delação premiada que a política de conteúdo local aplicada no setor de petróleo pelos governos Lula e Dilma era "meio burra" e definiu como "maluquice" o modelo de negócios da Sete Brasil, empresa criada para fabricar sondas de perfuração no país. O empresário incluiu o tema em sua delação premiada porque teria havido um pedido de propina do ex-tesoureiro do PT João Vaccari de 1% a 2% do valor de um contrato de construção de seis sondas por um estaleiro do qual Odebrecht, OAS e UTC eram sócios.

Marcelo Odebrecht conta que recusou-se a fazer o pagamento porque já tinha outros acordos globais de pagamentos ao PT. O caso foi remetido para a Justiça Federal do Paraná, onde já há processo em andamento sobre o tema. Marcelo, inclusive, prestou depoimento ao juiz Sérgio Moro na semana passada e reiterou as críticas feitas neste primeiro depoimento, que foi prestado em dezembro. Neste, ele critica o modelo adotado para por questões técnicas. Ressalta que a exigência de 60% de conteúdo nacional nas sondas era fora da realidade do mercado.

— Eu sou a favor do conteúdo nacional bem gerido. Porque digo isso? Porque acho que conteúdo nacional você não mede pela quantidade, mas pelo que quer desenvolver, pelo o que o país tem condições de desenvolver. Quando você estabelece que 60% de um projeto tem que ter conteúdo nacional é uma maneira meio burra de gerenciar a questão. Porque você pega o exemplo das sondas. A grande produtora internacional de sondas é a Coreia do Sul. Uma sonda coreana tem 35% de conteúdo nacional coreano. Como é que o Brasil, que nunca produziu uma sonda dessa envergadura, exige 60%? Aí tem uma ineficiência — disse o ex-presidente da Odebrecht. **MODELO QUE NÃO FUNCIONA** Ele prossegue afirmando que o modelo de negócios da Sete Brasil, empresa criada para construir as sondas, não teria como funcionar porque os custos para a produção no Brasil não teriam como ser compensados pelos contratos da Petrobras, que teriam de estar próximos aos praticados uma sonda que tem custos do Brasil implícito. Não sei como é que a conta fecha — afirmou Marcelo.

O ex-presidente da Odebrecht afirma que a empresa acabou entrando no negócio porque desejava atuar como operadora das sondas e havia uma pressão para que as empresas que fossem operar também participassem da construção. Assim, a empresa entrou com uma participação acionária em consórcio com OAS,

UTC e uma empresa japonês em um estaleiro que construiria seis sondas na Bahia. Porém, como o negócio naufragou, Marcelo estima que haverá um prejuízo de até R\$ 2 bilhões da Odebrecht nesse caso. PERCENTUAIS FORAM REDUZIDOS O governo Temer reduziu recentemente os percentuais da política de conteúdo local para os campos de petróleo que serão licitados. A exigência foi cortada em pela metade e também houve redução das multas para quem não conseguir atingir as metas. A Sete Brasil, por sua vez, prepara um plano de recuperação judicial e negocia com a Petrobras a entrega de apenas uma parte das sondas que tinham sido contratadas inicialmente.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)

[Próxima notícia](#)